

O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO EM PHILIP ROTH SEGUNDO A OBRA *INDIGNAÇÃO* (2017)

THE MALAISE IN CIVILIZATION IN PHILIP ROTH ACCORDING TO INDIGNATION (2017)

Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira¹
Jordana Santos Nunes²

RESUMO

O presente artigo científico apoia-se nos referenciais teóricos da psicanálise como possibilidade de explorar a obra *Indignação* (2017) do escritor americano Philip Roth. O encontro entre psicanálise e literatura e o intercâmbio entre estes dois campos de saber podem ser percebidos desde as primeiras publicações do pai da psicanálise, Sigmund Freud. Para tanto, apoiado teoria psicanalítica, buscamos percorrer o texto de Roth a fim de perscrutar o mal-estar na cultura presente na narrativa. Ambivalências, momentos de intensidade narrativa e repetições de palavras foram elementos averiguados e compuseram a análise da obra. A contribuição freudiana para esse trabalho se sustentou, fundamentalmente, nos textos *O mal-estar na civilização* (1930) e *O futuro de uma ilusão* (1927). Conclui-se, portanto, que a neurose é um resultado indissociável do processo civilizatório, pois ambos recobrem simultaneamente aspectos sociais e psíquicos inerentes à formação humana, logo os conceitos de neurose, inconsciente, psicose, pulsão, recalque, repressão e cultura estão presentes no corpo do artigo e norteiam a discussão atrelada ao romance.

Palavras-Chave: Psicanálise, Neurose, Cultura, Literatura.

ABSTRACT

This scientific article is based on the theoretical references of psychoanalysis as a way of exploring the work Indignation (2017) by the American writer Philip Roth. The encounter between psychoanalysis and literature and the exchange between these two fields of knowledge can be seen in the first publications of the father of psychoanalysis, Sigmund Freud. To this end, we have tried to go through Roth's text with the help of psychoanalytic theory in order to examine the cultural malaise present in the narrative. Ambivalences, moments of narrative intensity, and word repetitions were all elements that were studied and that formed the analysis of the work. Freud's contribution to this work was essentially based on the texts The Malaise in Civilization (1930) and The

¹ Pós - Doutora em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutora em Psicologia Clínica e Cultura e Mestrado em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). e-mail: renatawirthmann@gmail.com.

² Graduada em Psicologia Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Federal de Catalão, ao longo da graduação participou do grupo de pesquisa "Intersecções: filosofia, psicologia, arte e educação", desenvolvendo dois projetos de iniciação científica voltados para a filosofia da educação. Em 2020 foi indicada a concorrer ao Prêmio de Melhor Trabalho de Iniciação à Pesquisa Científica, Tecnológica e em Inovação da UFCAT. e-mail: jordana.nunes@hotmail.com.

Future of an Illusion (1927). Thus, the concepts of neurosis, the unconscious, psychosis, drive, repression and culture are present in the body of the article and guide the discussion related to the novel.

Key-Words: *psychoanalysis, neurosis, culture, literature.*

INTRODUÇÃO

A relação entre a psicanálise e a literatura não é recente. Freud, em seus trabalhos, já destacava a confluência entre o indivíduo e sociedade, de modo que a cultura representava um elemento condensador dessa interação ao mesmo tempo fundante e fundamental para a constituição e compreensão do inconsciente. Da literatura Freud buscou importantes referências para construir os principais conceitos psicanalíticos. A contribuição da obra de Dostoiévski, por exemplo, é explicitada ao longo de todo o percurso freudiano de construção da psicanálise. Além da contribuição para a construção teórica e conceitual da psicanálise, a literatura transita de outros dois outros modos na obra de Freud: a análise do texto literário extrapolando os limites do texto e se permitindo analisar a relação entre a obra e o autor, bem como utilizou a literatura como uma ferramenta capaz de compreender melhor a teoria psicanalítica.

Portanto, desde a origem dos primeiros textos psicanalíticos, Freud fez uso da literatura para construir e sustentar sua invenção. A psicanálise, uma vez estabelecida na cultura, firmou um intercâmbio com o mundo das letras e hoje podemos perceber o uso recíproco entre ambas, ou seja, da mesma forma que a psicanálise se serviu da literatura, esta última encontrou na psicanálise recursos hoje considerados imprescindíveis para a criação artística. Para Freud os escritores, em seu exercício de escrita, foram capazes de visualizar elementos intrínsecos à cultura e à condição do ser humano, de modo a reconhecer a primazia das produções artísticas em relação ao que a psicanálise pretendia compreender, construir e avançar conceitualmente e clinicamente. Ao longo do artigo, ancorado nos clássicos *O mal-estar na civilização* (1930/2010) e *O futuro de uma ilusão* (1927/2014), os conceitos de neurose, interdição, inconsciente, psicose, pulsão, recalque e cultura foram discutidos e norteados segundo o

romance *Indignação* (2017) do escritor norte-americano Philip Roth. Ao final do percurso do presente artigo, concluímos que a neurose é um resultado indissociável do processo civilizatório, pois ambos recobrem, simultaneamente, aspectos sociais e psíquicos inerentes à formação humana, como por exemplo a instituição de proibições, a experiência do desamparo, angústias frente as interdições e outros fenômenos explicitados ao longo do artigo.

1. INDIGNAÇÃO (2017)

1.1 Enredo

A obra *Indignação* do escritor Philip Roth (1933-2018) foi publicada originalmente em 2008. O enredo narra a história de Marcus Messner, um jovem de 18 anos de idade, filho único de pais judeus, prestes a ingressar na universidade em Newark, New Jersey. Até lá, dedica o seu tempo a acompanhar as atividades empregadas por seu pai, um açougueiro *kosher*, contribuindo no corte e entrega das mercadorias, tarefa a qual considerava desagradável, porém vista como uma obrigatoriedade, executava com diligência. Contudo, ao adentrar na universidade Robert Treat, o seu pai que até então assumia uma postura benevolente e harmônica, tornou-se violentamente protetor e temeroso quanto a integridade de seu filho, seu futuro e as consequências das ações individuais tomadas por este.

E, como pano de fundo, há o início da década de 50 nos EUA, também conhecida por “Anos Dourados”, marcado pelo pós-guerra. Neste sentido, após anos de escassez e confronto bélico, a sociedade americana voltava a desfrutar de bens de consumo, além do incentivo ao “American Way of Life”, um conjunto de preceitos sociais que reivindicavam a moral, o consumismo e o bem-estar oriundos deste modo de vida, somado a um centramento na família, nos bons costumes e a diligência por uma conduta sexual casta.

Além disso, outro marco histórico contido na narrativa é a eclosão da Guerra da Coreia (1950-1953), em que tropas americanas acionadas pela ONU (Organização das Nações Unidas) se juntaram ao confronto na península coreana. A expectativa de ser convocado para a guerra

pairava sob os jovens desse período, mostrando ser uma realidade mais que provável, de tal modo que, a fim de driblar as chances de morrer em combate, o ingresso na faculdade acompanhado de uma postura diligente com relação à notas e o desempenho estudantil dava indícios de que ao ser convocado para a guerra, o soldado poderia ocupar um posto em posições menos ofensivas, como por exemplo na área de informações do exército ao invés de lutar na linha de frente como soldado raso. Messner, o protagonista, não se mantém alheio a isto e boa parte de suas condutas são justificadas mediante a este propósito: ser um aluno exemplar e escapar da possibilidade de ser convocado à Guerra da Coreia.

Contudo, a tensão existente entre pai e filho abalam os primeiros esforços de Messner em alcançar este objetivo no seu primeiro ano de faculdade em Newark. A constante proteção do pai era justificada por um temor e preocupação, que ao ser questionado sobre as motivações apontava: “A razão é a vida, onde o menor passo em falso pode ter consequências trágicas” (Roth, 2017, p.17). E, cansado da constante vigilância do pai, Messner decide partir para outra universidade, migrando para Winesburg College em Ohio: “No centro de minha ambição estava o desejo de ficar livre de um pai forte e pacato de repente acometido de um medo incontrolável com respeito ao bem-estar do filho adulto” (Roth, 2017, p.32). Com a sua chegada e, contrariando suas expectativas de enfim encontrar sossego, acaba por se deparar com outros impasses, a começar, com os seus companheiros de quarto.

Bertram Flusser é o seu primeiro adversário. No enredo este personagem é visto como um rapaz extravagante, estudante de inglês e pertencente à sociedade teatral da universidade e suas ações ao longo da trama são narradas de igual forma conduzindo a própria realidade como um espetáculo. Usando de ironia, sarcasmo, chega até mesmo a lançar ameaças contra Messner após este quebrar o disco de Flusser em uma noite de estudos no dormitório, local que ambos compartilhavam.

Diante disso, logo nos primeiros dias Messner sai em busca de uma cama vazia em outro dormitório, encontrando espaço na companhia de Elwyn Ayers Jr., um quartanista que cursava engenharia. Ao contrário de Flusser, este personagem é descrito como calmo, quieto e dedicado aos estudos, compartilhando sua atenção somente ao veículo que herdara da família que se

encontrava estacionado em sua fraternidade. Tão grande era sua introspecção que ao menor sinal de interação da parte de Marcus, o outro jovem o respondia minimamente, não empreendendo conversações de modo a dedicar entusiasmo somente ao seu carro.

Ademais, o encontro com o sexo oposto permeava os pensamentos de Messner. Em busca de uma parceira no campus, Olivia Hutton desperta o seu interesse. A jovem era aluna do segundo ano e, assim como Messner, transferida de outra universidade. A sua presença era constantemente notada nas aulas de história norte-americana. Ao convidá-la para um jantar, Messner fica ciente que a garota pertencia a um subúrbio rico de Cleveland e seus pais eram divorciados, fato este encarado com enorme preconceito na época.

Ao longo dos encontros, as informações dadas sobre si por Olivia vão se modificando na medida em que a sua verdadeira história de vida é revelada. O fato é que, para os padrões de comportamento e crença no período histórico em que a trama se desenvolve, Olivia diverge em inúmeros sentidos da norma. O puritanismo e a repressão sexual³ eram a via de regra e, contrariando essa perspectiva, Olivia atua na contramão desse impedimento do ato sexual. No primeiro encontro de ambos os jovens, Messner é surpreendido ao receber sexo oral da Olivia, acontecimento este que perturbará todas as crenças desenvolvidas pelo jovem até então pela cultura em que estava inserido. O que seria um mero encontro, dá indícios agora de uma obsessão da parte de Marcus com a garota e tudo o que ela passa a representar para o jovem.

Ao relatar o acontecimento à Elwin, Olivia é chamada de puta pelo rapaz. O termo não só ofende a garota, como também ofende à Messner. E, a parceria vista até então como promissora, desemboca em mais um desentendimento envolvendo o protagonista. Os dois trocam ofensas e socos fazendo com que Messner opte por trocar de quarto mais uma vez, agora encontrando uma cama vazia no quarto mais desprezado pela comunidade acadêmica. Ciente dessas mudanças, o diretor Caudwell convoca o aluno para uma reunião no intuito de entender

³ O uso do termo repressão diz respeito às normas e restrições impostas pela cultura no que tange a manifestação da sexualidade. Em contrapartida, mais adiante, a noção de recalque é introduzida a fim de esclarecer uma operação psíquica pertencente à neurose mediante a instauração do inconsciente, portanto este conceito não deve ser confundido com o termo repressão.

o que provocou tantas mudanças e desentendimentos. E aquilo que seria uma conversa, desemboca numa discussão sobre fé, religião e a moral.

O conservadorismo e o compromisso com velhos costumes são elementos que abrangem a atmosfera da Winesburg. A obrigatoriedade de cursos e cerimônias religiosas, as regras de convivência aplicadas a homens e mulheres davam indício de uma moral vigente e uma contenção de ações discrepantes. Ao longo da narrativa o protagonista desenvolve cada vez mais consciência desta realidade e se vê impelido a se revoltar contra essas normas tamanha a indignação das repercussões psíquicas e sociais que esta atmosfera provoca nos estudantes. O diretor Caudwell é um personagem que ganha destaque na medida em que essas percepções do jovem surgem e, não por acaso, o encontro entre ambos é marcado por discussões calorosas e argumentativas.

A obra retrata diferentes temas. Desde questões culturais que envolvem a realidade concreta e servem como um quadro que abarca as relações e comportamentos possíveis entre os pares até lições que dão conta de uma tese, uma afirmação elencada pelo autor. No caso de *Indignação* (2017), Roth busca elucidar a ideia de que algumas decisões cotidianas e banais conduzidas pelo protagonista resultaram em um desfecho trágico e desproporcional com as ações executadas, contrariando o seu desejo de se esquivar da guerra e, conseqüentemente, da morte. Não se dar bem com os colegas, discordar do diretor e encabeçar discussões calorosas com o próprio, e sua obsessão por Olívia são pequenos atos que geram conseqüências. Enquanto ele tenta fugir de alguns problemas, outros surgem fazendo com que o protagonista esteja numa angústia constante com relação aos seus esforços e os resultados divergentes do esperado, culminando então em sua morte no campo de batalha na Guerra da Coreia.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada consiste na crítica literária, a qual se defronta com um entrosamento profícuo entre a psicanálise e a arte, de modo que diversos autores, ao longo de suas formações como críticos, teceram considerações sobre a temática.

Dacorso (2010), no artigo “Psicanálise e Crítica literária”, explora diferentes perspectivas quanto ao entrecruzamento do texto literário com a psicanálise. A começar por críticos literários que se debruçaram sobre a abordagem psicanalítica, logo após escritores e psicanalistas dedicados à escrita que se valeram, também, da psicanálise. A autora faz menção a algumas figuras e suas respectivas obras, das quais destaca-se o crítico literário Eagleton (2003) e Adalberto de Oliveira Souza (2009).

Para Eagleton (2003), a crítica literária psicanalítica pode abarcar o conteúdo da obra, a construção formal, o autor e a interlocução existente no ato de ler. A análise do autor é especulativa e mais dialoga com uma leitura apoiada em dados biográficos do autor e que interpreta, portanto, parte do material literário como um sintoma do seu criador. Quanto à análise da construção formal, Eagleton se refere à teoria dos sonhos de Freud pois o texto, similar ao sonho, é inspecionado de acordo com as ambivalências, lapsos de linguagem, evasões, duplicações, momentos de intensidade na narrativa e o uso frequente de determinadas palavras. Esses elementos da linguagem apontam para o inconsciente que se revela implicitamente.

Nesse caminho, Souza (2009) acentua a psicanálise como método clínico enquanto que, a crítica literária psicanalítica, como um recurso metodológico de cunho interpretativo, procurando um sentido e tecendo relações entre o material produzido e o conteúdo que se revela para além das intenções conscientes do autor. Portanto, a eficácia da crítica literária psicanalítica consiste em

[...] mostrar que, no desvendamento das relações do texto com o inconsciente, faz surgir outra realidade que não é literária. Interpretar pela psicanálise o literário revela a transformação do não literário em realidade literária, isto é, ficcional (Dacorso, 2010, p.152 *apud* Bertucci).

É evidente, contudo, que ambas as áreas possuem suas especificidades. A interpretação de cunho psicanalítico ou de qualquer outra natureza crítica é uma aposta, uma vez que o texto em sua totalidade jamais será abarcado, afinal todo texto possui algo que escapa, não importa quantas vezes ele tenha sido lido, analisado e interpretado. O objetivo de ambos é explorar e

intercambiar duas áreas de saber e a subjetividade daquele que lê produzindo um novo texto subjacente ao original mediado por conceitos psicanalíticos. (Dacorso, 2010).

Sendo assim, partindo da definição de crítica literária como um exercício interpretativo, reflexivo e lógico-formal, o presente artigo possui o ensejo de analisar a obra literária *Indignação* (2017) do escritor norte-americano Philip Roth (1933-2018) a partir da premissa de que a psicanálise, em seu arcabouço teórico, é capaz de se firmar no âmbito da crítica literária.

3. DIÁLOGOS ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA: ANÁLISE DE INDIGNAÇÃO (2017)

O romance é dividido em duas partes intituladas *Sob o efeito da morfina* e a segunda *Saindo de baixo*. A princípio, o narrador personagem conduz a trama retroativamente a partir de memórias enquanto ainda estava vivo sob o efeito de morfina. Esta condição permite que o personagem examine o passado, e a partir disso, interroge-se acerca das ocasiões limites que o conduziram ao que ele deduz ser a morte. A posição de Messner é a de um sujeito analítico, racional, em que a ação de perscrutar os acontecimentos de sua vida revelariam a razão para o encontro fatal com a morte. É importante destacar que nesse esforço investigativo o narrador, que também é um personagem, não se exime da sua subjetividade e se vê embaraçado nos limites de sua própria compreensão. Portanto, para que seja possível elaborar algum entendimento acerca dos sofrimentos psíquicos do personagem, algumas cenas serão analisadas a fim de revelar os impasses e sintomas de Messner frente à cultura.

O encontro com o sexo oposto é um elemento decisivo para a narrativa, não somente pelo o que isto significa para o personagem, mas como a conduta sexual vigente na época repercutia nos jovens da Winnesburg. A moral sexual figura normas preestabelecidas, as quais sua obediência é vista com rigor. Para o personagem, a violação destas exigências traduz uma tensão entre a lei e uma satisfação individual, a qual o custo a ser pago é visto como caro e arriscado. Tendo em vista seu desejo pela jovem Olivia, antes mesmo de consumir a aproximação da garota ou frente a mera cogitação do ato sexual, Messner é tomado por uma

instância repressora que freia tal desejo e apresenta um confronto imaginativo com uma autoridade encarnada na figura de um professor, aluno ou funcionário que, ao descobrir as suas intenções, o colocaria numa posição de perigo, ou no seu caso, uma punição fatal ao ser enviado para o campo de guerra.

A dinâmica contida nesse raciocínio é explorada por Freud em *O mal-estar na civilização (1930/2010)* em que, ao investigar a gênese da cultura, afirma ser o pacto civilizatório o passo preponderante para o desenvolvimento desta por meio de leis, costumes e tabus que, em tese, visam à organização societal e portanto, maior segurança e bem-estar aos sujeitos mas, para que estas funções se cumpram, os interesses e impulsos individuais devem ser reprimidos em detrimento ao coletivo. Às vezes esta renúncia é alcançada de maneira voluntária, outras à força e, independente de como isto irá ocorrer, as exigências da cultura permanecem.

Para tanto, em seus escritos o pai da psicanálise destaca o neurótico como aquele que padece de um recalçamento primário em que as exigências pulsionais no formato de libido passam por um deslocamento na psicodinâmica do indivíduo. Dividido em três instâncias: o inconsciente, pré-consciente e consciente, este material recalçado é retido em sua forma inconsciente e através da linguagem o deslocamento e sublimação deste conteúdo é repassado para o pré-consciente. A ação de reprimir estes conteúdos recalçados que insistem em retornar, ainda que não explicitamente, decorre nas instâncias pré-conscientes e conscientes e se servem das recriminações da cultura e da moral. Esta definição é importante para compreender como cada indivíduo se situa frente a cultura a depender das estruturas de neurose e psicose (Freud, 1924a/2011).

Nos ensaios *Neurose e psicose (1924a/2011)*, e *Perda da realidade na neurose e psicose (1924b/2011)*, por exemplo, a neurose é definida como “o resultado de um conflito entre o Eu e seu Id, enquanto a psicose seria o análogo desfecho de uma tal perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior” (Freud, 1924a/2011 p.177). Na psicose o mundo exterior deixa de ser percebido ou não tem nenhum efeito sobre o indivíduo, pois este mundo exterior passa a dominar o Eu. No estado de amênia, isto é, alucinação e delírio grave, as novas percepções da

realidade não são atualizadas e o significado do mundo interior com o qual o indivíduo lia a exterioridade é retirado, de modo que o Eu cria um novo mundo interior e exterior. Segundo Freud, esse novo mundo é completamente regido pelos desejos do Id em virtude da ausência do recalçamento primário, enquanto que o neurótico encontra-se influenciado pela realidade exterior e imbuído da tarefa de compensar o recalçamento primário (Freud, 1924b/2011).

Desse modo, o esforço cultural em inibir a hostilidade e a pulsão sexual tão comumente expressa nos neuróticos permite a Freud investigar como a sociedade se mantém. A instauração de um conjunto de leis estendidas à comunidade prevalece através de autoridades externas que colocam em jogo o que Freud denomina amor social, haja vista que frente a descoberta da violação haveria assim o perigo do castigo (Freud, 1930/2010). Este, segundo o autor, se caracteriza como o primeiro estágio do desenvolvimento moral e civilizatório em que somente o temor pela descoberta do ato provocaria receio e inibição no indivíduo. Quanto ao segundo estágio, passa a ser o momento em que o indivíduo internaliza a figura de autoridade, colocando-o num estado de vigilância através de uma dinâmica psicológica denominada como o Supereu. No caso,

A renúncia instintual já não tem efeito completamente liberador, a abstenção virtuosa já não é recompensada com a certeza do amor; um infortúnio que ameaça a partir de fora - perda do amor e castigo da autoridade externa — é trocado por uma permanente infelicidade interna, a tensão da consciência de culpa (Freud, 1930/2010, p.98).

Desse modo, o ser que naturalmente se encontra num estado de desamparo, a depender do vínculo social, não mais receia a perda deste, mas padece de uma consciência censória, vigilante dos atos e intenções, julgando e ameaçando conscientemente. Para o personagem essa consciência censória se mostra operante, porém decidido a enfrentar as prerrogativas sociais de sua época e também os conflitos segundo esta dinâmica metapsicológica, o personagem enfim se aproxima de Olivia ao afirmar que

[...] apesar dos obstáculos impostos pelas convenções que ainda dominavam a vida no campus de uma pequena e sofrível universidade do Meio-Oeste nos

anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial, eu estava decidido a ter relações sexuais antes de morrer (Roth, 2017, p.42).

Ciente de todas as normas universitárias quanto às saídas do campus, horários e acesso ao dormitório feminino, Messner convida a garota para um jantar e, terminada a refeição, ambos os jovens se dirigem até os limites da cidade. Isolados, Messner descreve que o ocorrido naquela noite ultrapassou tudo o que havia imaginado para o encontro pois foi surpreendido com sexo oral, feito pela garota. Na sua fantasia, até aquele encontro, tal surpresa seria impossível, uma vez que todas as garotas “pareciam saber à perfeição como se comportar de forma correta (quer dizer, pareciam não saber se comportar mal ou fazer qualquer coisa considerada imprópria)” (Roth, 2017 p. 26)

Após esta última inferência, o personagem construiu uma série de especulações que refletiam a ambivalência quanto aos seus sentimentos por Olivia e em relação ao funcionamento da sexualidade, incluindo se autorizar a satisfação sexual, diante das restrições da moralidade. A ambivalência consistia no fato de que embora o protagonista, Marcus Messner, tivesse se percebido extremamente desejoso pela transgressão, ele estava espantado e surpreso ao perceber o comportamento da garota e incorre a interpretar o ato segundo a moralidade da época, supondo que a inexistência de um impedimento moral, de uma autocensura, ou de luta ou conflito diante daquela transgressão sexual só poderia, para Marcus, ser resultante de um desvio de caráter ou por ser filha de pais divorciados.

Freud (1930/2010) postula que os neuróticos a serviço do supereu são pessoas as quais de adversárias da cultura, passam a ser portadores desta, ou seja, apesar do mal-estar existente a sua constituição é atravessada pelas exigências da cultura e a sua transmissão não cessa. Desse modo, os sacrifícios oriundos da renúncia pulsional causam uma frustração capaz de dominar as relações entre os homens exteriorizando a hostilidade inerente a este processo de contenção cultural. Neste caso, a autorecriminação prevaleceu diante da particularidade do seu desejo justamente por ser portador da cultura e reconhecer-se nela, tanto nos ideais quanto naquilo que esta mesma cultura rejeita.

Acrescenta-se que, nos estudos desenvolvidos por Freud, o rigor da sociedade frente os impulsos sexuais de fato é um traço marcante para o desenvolvimento da cultura. Ao falar sobre amor genital como a disposição do homem e a mulher em constituírem núcleos familiares mediante reprodução, afirma que no decurso da evolução “o vínculo entre amor e civilização deixa de ser inequívoco. Por um lado, o amor se opõe aos interesses da cultura; por outro lado, a cultura ameaça o amor com sensíveis restrições” (Freud, 1930/2010, p.66).

Após o ocorrido ambos os jovens passaram a trocar correspondências em que os dilemas morais que sondavam a situação foram expostos, além da revelação sobre o passado da garota. Numa das cartas a jovem afirmou ter tido problemas com alcoolismo e uma tentativa de suicídio, fato este que imaginou ter sido percebido pela cicatriz contida no pulso. Ademais, confirmou a suspeita de Messner sobre suas experiências sexuais, revelando ter tido outros relacionamentos. E para o rapaz, ora a história era vista com fascínio, ora com apreensão: “Estava fascinado. Nunca uma coisa me perturbara tanto. A história do alcoolismo, a cicatriz, o sanatório, a fragilidade, a força — eu estava escravizado a tudo aquilo — Ao heroísmo de tudo aquilo” (Roth, 2017, p.58).

Ou seja, ao se deparar com a feminilidade de Olivia agindo na contramão das repressões, Messner aparenta ser um mero escravo da civilização e da moral que tanto contestava ao se posicionar como aquele que de fora vislumbra um universo de liberdades com fascínio e admiração, porém inacessível a ele.

No texto *A moral sexual cultural e o nervosismo moderno* (1908/2015), Freud, a partir dos nos estudos das neuroses, investiga as repercussões psíquicas provocadas pela moral sexual vigente em sua época ao explorar aquilo que denomina doenças nervosas. A primeira evidência acerca da temática consistia nas queixas de pacientes com relação às demandas endereçadas pela cultura em oposição às suas origens e inclinações. Este descompasso estaria na gênese das neuroses perante a cultura, e como abordado anteriormente, presente nos elementos ficcionais descritos.

Segundo o autor, a doença dos nervos a qual se debruçava, estaria entrelaçada às pulsões sexuais e os sacrifícios impostos pela moral sexual contida na cultura. Porém, essa renúncia pulsional só é concretizada mediante a um grande esforço, pois

Os neuróticos são aquele tipo de pessoas que, devido a uma organização recalcitrante, conseguem, sob o influxo das exigências culturais, um recalque das pulsões apenas aparente e cada vez menos bem-sucedida, e que, por isso, mantêm sua colaboração nas obras da cultura somente com enorme dispêndio de forças, com empobrecimento interior, ou às vezes têm de suspendê-la por estarem doente (Freud, 1908/2015, p. 373).

Desse modo, o efeito causado por este esforço é magistralmente ilustrado na trama, não só pela inquietação do personagem principal ante a superação da proibição, mas também de acordo com o episódio intitulado “O Grande Ataque às Calcinhas Brancas da Universidade de Winesburg”. Neste, quatro alunos do primeiro ano por volta das nove da noite começaram uma guerra de bola de neve, ao que num primeiro momento nada mais significou que uma brincadeira infantil e inocente. Contudo, com o som e a animosidade ali concentrada, em poucos minutos, dezenas de rapazes de outros dormitórios se juntaram ao evento e a brincadeira com contornos infantis passou a representar uma rebelião, uma ação em massa desencadeada pelos estudantes:

Com a explosão de tudo que havia de indomado dentro deles (apesar do comparecimento regular à igreja), desceram a colina dando cambalhotas, rolando ou escorregando pela neve alta para iniciar uma noitada estupenda que ninguém daquela geração de alunos jamais esqueceu [...] (Roth, 2017, p.136).

Ao todo três residências femininas foram invadidas. Com as portas trancadas, os estudantes desferiram golpes de mão, pés e ombros em portas e vidros, acessando enfim os quartos das garotas. Reviraram gavetas e armários em busca de roupas íntimas e

vez por outra, uma voz masculina profunda, articulando o pensamento de todos aqueles que não eram mais capazes de obedecer ao sistema prevalecente

de disciplina moral, urrava abertamente a verdade: Queremos as garotas!
(Roth, 2017, p.136)

Este incidente evidencia que, apesar de todo o aparato institucional em vista da contenção dos impulsos sexuais, o montante de pulsão sexual reprimido em virtude do esforço de sublimação, vacila diante de um fenômeno mais intenso, liberador, que é a ação das massas. A efusão encontrada naquilo que foi tomado como rebelião, remete a algo que Freud já destacava ao afirmar que uma certa medida de satisfação sexual direta, isto é, em contraposição ao desvio da meta presente na sublimação, se mostra indispensável e que se porventura malograda os efeitos nocivos e de caráter patológico surgiriam (Freud, 1908/2015).

No caso, a conjunção da repressão sexual somada ao fenômeno das massas fez eclodir uma reação vigorosa contra a influência da civilização e o seu domínio:

De todos os invasores, apenas os três mais idiotas (dois do primeiro ano e um do segundo, que encabeçaram a lista de expulsos no dia seguinte) se masturbaram utilizando as calcinhas roubadas e ejacularam em poucos segundos, atirando depois as peças defloradas, úmidas e cheirando a esperma para os braços erguidos dos alegres veteranos, que, com os rostos afogueados e neve no topo da cabeça, expeliram vapor como dragões e os incitavam lá de baixo (Roth, 2017, p.136).

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011), apoiado nas elaborações de Le Bon, Freud agrega suas próprias considerações sobre a psicologia para além da noção individual, agora abrangendo as dinâmicas sociais detendo-se especificamente sobre as massas. Postula que estas apresentam um caráter volúvel, impulsivo, facilmente excitável, e guiados pelo inconsciente. Afirma que os impulsos contidos nessas massas são guiados “conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, se faz valer” Nada nela é premeditado” (Freud, 1921/2011, p.18) e acrescenta:

Basta-nos dizer que na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, que ele então apresenta, são

justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mau da alma humana. Não é difícil compreendermos o esvaecer da consciência ou do sentimento de responsabilidade nestas circunstâncias. Há muito afirmamos que o cerne da chamada consciência moral consiste no “medo social” (Freud, 1921/2011, p.15).

É válido destacar que a ação desencadeada em nenhum momento saiu em defesa de um ideal conjunto representado por um líder, mas apenas segundo a efusão disforme de um conjunto de estudantes que não mais foram capazes de conter seus impulsos sexuais tão reprimidos, de modo que esta cena condensa da melhor forma as proposições elencadas em ambos os textos até aqui discutidos.

Paralelamente, a inquietação provocada pelo enamoramento por Olivia ocupou em grande medida os pensamentos do personagem. Não se contendo, relatou ao colega de quarto tudo que havia transcorrido até então, mas a falta de interesse seguida da acusação de Elwynn ao chamar Olivia de puta resultou não só em mais uma briga envolvendo o protagonista, mas também em sua segunda troca de quarto, desta vez rumo ao alojamento mais indesejado da faculdade. Essa transferência chamou a atenção do diretor Caudwell que o convoca para uma conversa em seu gabinete e o debate instaurado é preponderante para compreender a fundo até onde vão as insatisfações e o mal-estar de Marcus.

Embora a Winesburg fosse uma universidade laica, os seminários obrigatórios aos alunos sobre tópicos morais acobertavam conteúdos religiosos de matriz protestante influenciados pela dominância da Igreja Luterana dos Estado Unidos em Ohio. Acrescenta-se que estas reuniões eram ministradas por professores, mas preferencialmente por Chester Donehower professor lotado no departamento de religião e não por acaso pastor protestante. Isto não soava mal ao jovem por ser um judeu praticante, mas sim por ser um ateu ardoroso, ao que em suas palavras afirmava:

Certamente não preciso de nenhum deus que me diga como me conduzir. Sou perfeitamente capaz de levar uma vida moral sem acreditar em crenças impossíveis de comprovar e que desafiam nossa credulidade, crenças que, a meu juízo, não passam de histórias da carochinha em que os adultos acreditam,

tão sem fundamento na realidade quanto a crença em Papai Noel (Roth, 2017, p.72).

E, por mais que o objetivo desta primeira entrevista pelo diretor fosse investigar a adaptação social e os laços que o rapaz não conseguiu manter, logo o tom da conversa alcança um debate sobre a religião e a moral.

Contra o ateísmo professado pelo jovem, Caudwell contesta-o ao argumentar que sem uma orientação religiosa ou espiritual Marcus não conseguiria conduzir a sua vida diante das provações e sofrimentos provenientes da existência humana. A religião, na voz do diretor, ecoa como um consolo e bem cultural incontestavelmente benéfico aos seres. Já para o jovem, a sua excelência acadêmica somada ao modo de ver a religião confessava o contrário: seguia muito bem a sua vida na ausência de qualquer amparo religioso; contudo, para a sua surpresa, para além de seu desempenho estudantil exímio foi acusado de que suas relações e modos de convivência insinuavam o contrário.

A escolha do Marcus em sair de cena diante do conflito com seus colegas de quarto somado ao fato de esconder sua identidade judaica por ser um ateu que se sente “profundamente ofendido pelas práticas e crenças das religiões organizadas” (Roth, 2017, p.72), é visto pelo diretor como uma dificuldade originada pela falta de fé ou mesmo intolerância. Isto posto, apoiado nas ideias de Bertrand Russell (1872- 1970) filósofo e matemático inglês, Messner refuta não só o Deus cristão, mas todas as concepções de Deus e preceitos religiosos. Afirma que as igrejas atrasaram o progresso da humanidade ao incutir sofrimento imerecido e desnecessário, além de argumentar que no seio do pensamento religioso habita um medo avassalador em seus fiéis, “medo do misterioso, medo da derrota e medo da morte” (Roth, 2017, p.74). Por fim, acrescenta: “sou amparado pelo o que é real e não pelo que é imaginário. A oração, para mim, é algo absurdo” (Roth, 2017, p.68).

Do que fora relatado acima, para a análise da obra é importante destacar que, embora racionalmente o personagem intente afastar a dinâmica psicológica contida nos preceitos religiosos, este mesmo funcionamento já se mostra operante no personagem, afinal, ele é constantemente assombrado pelo medo da morte e da punição que não virá de um Deus

soberano e cristão, mas de autoridades encarnadas na figura de seu pai e diretor que constantemente o interpela.

No ensaio *O futuro de uma ilusão* (1927/2014), Freud busca analisar os fundamentos psicológicos que envolvem as religiões e seus preceitos. Para ele, a cultura consiste num patrimônio psicológico, econômico e científico adquirido ao longo do desenvolvimento humano por meio do domínio da natureza e obtenção de meios e habilidades para superar seu desamparo primário frente a esta força implacável conquistando, então, a satisfação das necessidades humanas. Porém o outro lado da moeda consiste no controle e distribuição dos recursos, o que aponta para possíveis regulações entre os pares a fim de preservar a sobrevivência de todos, além de se atentar para os impulsos hostis direcionados à cultura produzindo regulações, instituições e decretos (Freud, 1927/2014).

A vulnerabilidade do homem comparado à força da natureza, lança-o em busca de proteção e defesa. A princípio, ainda incapaz de dominar os recursos e habilidades necessários para a sua proteção, recorre a uma alternativa: a humanização da natureza, também conhecido como a gênese da dinâmica psicológica das religiões. Com isso, o consolo e amparo é oriundo da personificação de elementos naturais, figuras de autoridade criadoras e poderosas capazes de intervir e proteger os seres mediante suas súplicas e rituais. Para Freud,

Tal substituição de uma ciência natural pela psicologia não apenas produz alívio imediato, também mostra o caminho para um subsequente controle da situação. Pois tal situação não é nova, ela tem um modelo infantil: é, na realidade, apenas a continuação daquela anterior, pois o indivíduo já se encontrou assim desamparado: quando pequeno, perante o pai e a mãe, que ele tinha razões para temer, sobretudo o pai, cuja proteção, porém, também estava seguro de ter, ante os perigos que então conhecia (Freud, 1927/2014, p.200).

Desse modo, o ser humano vai além da transformação da natureza em entidades humanas mas atua na criação de deuses. Deuses estes que surgem para aplacar o anseio pelo pai primevo, de modo a afugentar “os terrores da natureza, conciliar os homens com a crueldade do destino, tal como ela se evidencia na morte, sobretudo, e compensá-los pelos sofrimentos e

privações que lhes são impostos pela vida civilizada que compartilham” (Freud, 1927/2014, p.201).

Porém, quando há a percepção de que as forças da natureza seguem suas próprias leis e necessidades internas entende-se que assim o é por uma disposição dos deuses e que estes ocasionalmente interferem no decurso natural das coisas por meio de milagres. Logo, quanto ao destino e imprevisibilidade da existência a esfera moral cada vez mais se engrandece, pois mediante a virtuosidade e moralidade de cada qual, Deus/deuses poderão intervir recompensando ou punindo os seus fiéis frente ao descumprimento dos desígnios religiosos. O que o pai da psicanálise chama a atenção é que não por acaso os preceitos religiosos fundamentais, por exemplo da fé cristã, coadunam com as leis e condições necessárias para instaurar e manter uma convivência razoável entre os seres, vide a proibição do assassinato, incesto, dentre outros (Freud, 1927/2014).

Na trama, reforça-se a percepção de que, apesar dos esforços racionais do personagem em afastar qualquer figura de autoridade encarnada naquilo que ele considera absurdamente religioso, a todo instante o rapaz se vê assombrado pelo desamparo e dependência de uma autoridade representada por seu pai ou diretor. Este último não só se mostra benevolente a princípio, mas logo em seguida ameaçador, ao demonstrar diante de Marcus o poder em mantê-lo ou não na instituição mediante ao bem-estar e adaptação do rapaz à comunidade e exigências universitárias:

Nesse ponto ele abriu minha pasta e começou a virar as páginas lentamente, talvez para refrescar a lembrança das informações ali contidas, talvez (assim eu esperava) para se impedir de me expulsar naquela hora mesmo devido à acusação que eu fizera com tanta veemência contra toda a universidade (Roth, 2017, p.75).

No romance, ao contestar as lições religiosas com os seus títulos *Como avaliar-se à luz dos ensinamentos bíblicos* (Roth, 2017), Messner se apresenta igualmente vigilante e autocensório acerca de suas ações na Universidade como qualquer outro cristão faria. Freud, por exemplo, enxerga a semelhança entre as neuroses e religiões ao afirmar que “a religião seria

a neurose obsessiva universal da humanidade, originando-se, tal como a da criança, do complexo de Édipo, da relação com o pai” (Freud, 1927/2014, p.228).

A vida psíquica de uma criança, tomada como exemplo para uma possível gênese da dinâmica psicológica contida nas religiões, aborda o seguinte aspecto: a relação primária com a mãe que satisfaz as necessidades libidinosas do infante faz com que ela seja o primeiro objeto de amor, além de proporcionar proteção e meios que garantam a satisfação da criança protegendo-a contra a angústia. Logo mais, a figura materna é substituída pela paterna que adentra a relação mãe-bebê/criança provocando um corte, se firmando de uma maneira singular, isto é, através da ambivalência que gerará. Em um só tempo a figura paterna passa a representar proteção e admiração, mas também hostilidade e temor oriundos da separação provocada (Freud, 1927/2014). Assim sendo,

Quando o indivíduo em crescimento percebe que está destinado a permanecer uma criança, que nunca pode prescindir da proteção contra superiores poderes desconhecidos, empresta a esses poderes os traços da figura paterna, cria os deuses que passa a temer, que procura cativar e aos quais, no entanto, confia sua proteção. Dessa maneira, o motivo do anseio pelo pai equivale à necessidade de proteção contra os efeitos da impotência humana; a defesa contra o desamparo infantil empresta à reação ao desamparo que o adulto tem de reconhecer — que é justamente a formação da religião — seus traços característicos (Freud, 1927/2014, p.208).

Ao dar continuidade a este esforço de teorização, no ensaio *Totem e tabu* (1913/2012) ao remontar a sociedade primitiva regida pelo totemismo e tabu, a partir do mito da horda primitiva o autor complementa que este pai absoluto e autoritário, mediante a rebelião de seus filhos é assassinado. Por ter sido admirado e temido simultaneamente, com o seu desaparecimento, o sentimento ambivalente ganha contornos de culpa em seus agressores. A violação de um dos tabus fundamentais convoca os filhos não só para rituais de expiação pela infração, mas os reúne em comum acordo em nome de uma lei irrevogável: a preservação da memória deste pai totêmico mediante a observância das leis do incesto e assassinato.

Deste modo, o neurótico, ainda que simbolicamente, se vê na iminência de confrontar psiquicamente a agressividade destinada ao pai e ao sentimento de culpa provindo deste mesmo

impulso destrutivo tal como os povos primitivos. Portanto, ainda que sempre insatisfeito e tentado a se rebelar contra as proibições, o neurótico ressentia-se diante do medo e culpa que advirão da possível transgressão.

Em suas recordações, por exemplo, a relação até então benéfica com o pai surge como um paraíso perdido, afinal, a parceria no açougue representava mais que um exercício laboral haja vista que, o pai destituído da figura de um tirano e sim tomado como o transmissor de algo valioso, de lições valiosas, aproximava as duas figuras em um elo nutrido pelo amor.

Lembro-me desses sete meses como um tempo maravilhoso – maravilhoso exceto pelas horas em que tinha de eviscerar as galinhas. E até isso era de certo modo maravilhoso, por ser alguma coisa que eu fazia, e fazia bem, mesmo não gostando de fazer. Havia, portanto, uma lição em fazê-lo. E eu amava as lições – quanto mais, melhor! E amava meu pai e ele a mim, mais do que em qualquer outra época de nossa vida (Roth, 2017, p.14).

Até as meras ações que poderiam ser tidas como banais ou rotineiras ganhavam um contorno especial:

Nos sete meses anteriores à minha entrada na universidade ele me deu mais do que carne para moer e algumas galinhas para aprontar. Ensinou-me a pegar uma costela de cordeiro e separar as costeletas, talhando cada uma e, ao atingir o fundo, usar o cutelo para afastá-las do resto. E me ensinava sempre da forma mais tranquila (Roth, 2017, p.13).

Todavia, a iniciação universitária inaugura o medo e a perseguição. O temor à morte e ao desconhecido apresentado pelo pai é tomado por Messner e passa a ser o seu próprio temor. Com a súbita mudança deu-se início ao que Marcus chama de “luta destrutiva entre nós” (Roth, 2017, p.15) e as agradáveis lembranças passam a ser substituídas por eventos conflituosos encarnando o amor e a hostilidade contidos nessa relação.

A expectativa de que eu viesse a ser independente fez com que aquele homem antes tranquilo, que só de raro em raro perdia a paciência com alguém, desde a impressão de que tencionava cometer alguma violência caso eu ousasse desapontá-lo, enquanto eu – cujo pendore para a frieza dos lógicos me

transformara no esteio da equipe de debate do colégio – terminava urrando de frustração diante de sua ignorância e irracionalidade. Tinha de me afastar dele antes que o matasse – foi o que eu disse, enfurecido, à minha perturbada mãe, que agora se via tão inesperadamente incapaz de influenciá-lo quanto eu (Roth, 2017, p.16).

Ao passo que a narrativa é inaugurada com o pai, percebe-se que o desfecho é o retorno a esta mesma figura que paira na trama. No caso, o temor do pai inaugura a tragédia. A vigilância encurrala o filho e o lança para a inócua fuga. Tal como Édipo, diante da profecia, quanto mais o indivíduo intenta escapar de seu destino, mais aproxima-se deste:

Eu era tão mau quanto meu pai. Eu era o meu pai. Não o havia deixado lá em New Jersey, enredado em suas apreensões e enlouquecido por premonições assustadoras: eu me transformara nele em Ohio (Roth, 2017, p.52).

O desfecho da narrativa consiste na incapacidade do personagem em consentir com as demandas endereçadas a ele, principalmente as de cunho religioso. A sua hostilidade é posta em evidência no último diálogo com Caudwell após ser pego burlando as reuniões mediante a contratação de um substituto na igreja. Como consequência, a condição para a sua permanência na universidade consistiu na confecção de uma carta endereçada ao presidente da instituição emitindo desculpas, além de frequentar as reuniões não só quarenta vezes como previsto, mas sim oitenta. A resposta do jovem foi resoluta: “Que escolha tinha Marcus, o que mais podia fazer senão, como o Messner que era, como o estudioso de Russell que era, bater com o punho na escrivaninha do diretor e lhe dizer pela segunda vez ‘Vai se foder?’” (Roth, 2017, p.152). Por fim, o que se segue é a informação da morte prematura, aos dezenove anos, de Messner na Guerra da Coreia e as conjecturas levantadas ao longo da trama se este destino trágico poderia ser evitado cessam com a confirmação de sua morte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto buscou-se explorar teoricamente os conceitos psicanalíticos capazes de subsidiar a análise do texto literário. No caso, os estudos sobre a neurose e a cultura

perpetrados por Freud apontaram a relação intrínseca entre estas duas concepções, de modo que, o personagem implicado com os dilemas apresentados pela cultura transpõe o contexto de guerra presente no momento histórico em que se passa a narrativa para um estado de batalha intrapsíquica ante a angústia das renúncias que a civilização exige.

Ademais, uma provocação possível consiste na seguinte pergunta: é possível se safar do que ordena um Pai? A resposta para esta pergunta, de acordo com a trama, é não, pelo menos, não sem consequências. Desde o princípio Marcus se vê assombrado pela presença dominante e premonitória de um pai que o interpela e impõe suas reivindicações, além disso o diretor da universidade a partir desta mesma premissa ameaçadora e poderosa, encurrala o personagem em seus esforços canhestros de atender seu desejo ao mesmo tempo em que esforça-se para sair impune das exigências institucionais, culturais e morais de sua época. Ao tentar contornar esses mandos, mais a sua hostilidade se agrava ante a civilização e os seus empenhos para desviar da morte sucumbem à sua revolta e indignação. Frente a isto, nada mais restaria aos transmissores da cultura que não somente a contenção, mas também punição àqueles que se recusam a atender suas demandas.

Acrescenta-se às considerações finais um esforço de contextualização necessário frente ao momento em que esta investigação é produzida. O cenário histórico e social da narrativa comparado à atualidade ultrapassa setenta anos de diferença e transformações decorridas. Entretanto, a análise desse neurótico freudiano, a partir da obra de Philip Roth nos permitirá construir os elementos necessários para a compreensão do sujeito contemporâneo diante das aceleradas mudanças culturais. O fato é que podemos considerar a neurose como um produto da cultura, sendo assim, um impacta sobre o outro. Tanto o neurótico desenha as características da cultura, quanto a neurose se vê esculpida pela cultura.

Outro elemento de igual relevância na obra é a representação de um sujeito que a todo instante reivindica a posição de senhor de si por meio de racionalizações e estratégias que fracassam perante os seus impulsos e afetos mais intensos. Em confluência com esta afirmação, Freud afirma que o “Eu não é senhor em sua própria morada” (1917/2010, p.186) no intuito de esclarecer que ante a razão e a consciência, o indivíduo rende-se perante o inconsciente. Desse

modo, o sujeito freudiano é aquele que desconhece e escapa às intenções mais conscientes em prol das forças do inconsciente.

Por fim, outras investigações psicanalíticas referentes à obra retratada podem ser executadas a fim de abordar eixos temáticos relevantes, como por exemplo, a neurose obsessiva somada a uma revisão bibliográfica da temática promovendo renovação da crítica e ampliação da discussão aqui proposta.

REFERÊNCIAS

DACORSO, S.T.M. Psicanálise e crítica literária. **Estudos de Psicanálise**, Aracaju, n.3, p.147-154, julho 2010.

EAGLETON, T. A psicanálise. In: **Teoria da literatura: uma introdução**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 209-266

FREUD, S. (1908). A moral sexual cultural e o nervosismo moderno. In: **Obras completas volume 08: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 359-389.

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: **Obras completas volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912- 1914)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 9-176.

FREUD, S. (1917). Uma dificuldade da psicanálise. In **Obras completas volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.180-187.

FREUD, S. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. In: **Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.11-100

FREUD, S. Neurose e psicose (1924a). In: **Obras completas volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 177-183.

FREUD, S. Perda da realidade na neurose e psicose (1924b). In: **Obras completas volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.215-221.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). In: **Obras completas volume 17: O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.188-243.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: **Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização e outros textos (1930-1936)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 14-122.

RABATE, J.M. Psicanálise e literatura: por que, hoje? **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 162-171, dez. 2017.

ROTH, P. **Indignação**. 1ªed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

SOUZA, A. O. Crítica Psicanalítica. In: BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (Orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 285-299.

Submetido: 28/10/2023

Aprovado: 15/04/2024

104
